
Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro-alentejano em meados do I milénio a.C.¹

RUI MATALOTO

A Carla Matias

In memoriam

...mais que uma promessa, uma certeza.

R E S U M O

Com este trabalho pretende-se efectuar um ponto da situação da investigação na Herdade da Sapatoa, enquadrando-a nas grandes tendências da dinâmica histórica da realidade centro-alentejana ao longo do I milénio a.C.

A B S T R A C T

This work intends to present the state of research at the archaeological site of Herdade da Sapatoa which fits into one of the great trends that transpired in a historically dynamic region of the Central Alentejo during the first millennium B.C.

0. No fio do horizonte...

Quando na primeira campanha, num chuvoso fim-de-semana de Novembro, me surgiu, num grupo inseparável de alunas da Faculdade de Letras de Lisboa, a Carla Matias, franzina, sóbria e tímida, não perspetivei desde logo que teria ali um braço de trabalho de um vigor a toda a prova. No Verão seguinte, a perseverança e impetuosidade com que aquela jovem de porte frágil trabalhava com a picareta, apenas era suplantada pela argúcia das leituras estratigráficas, o rigor e rapidez do desenho, a acutilância do humor e o simbolismo das refeições. Mas aqui ficou bem claro em mim a capacidade e a qualidade do trabalho desta jovem aluna, para quem seria fácil perspetivar um porvir de grande reconhecimento. Quando se começou a perspetivar a eventualidade de uma nova campanha em 2004, Carla Matias foi desde logo uma possibilidade de grande certeza para acompanhar e coordenar os trabalhos; circunstâncias diversas assim



Fig. 1 Equipa de escavação na Campanha 3/2004.

acabaram por ditar que fosse, dando-se início, em Julho desse ano, à terceira campanha de escavação, que magnificamente levou a efeito. Ficaré para sempre a sua firmeza e determinação, tal como a sua diplomacia e bonomia; da Sapatoa 3 será sempre Carla Matias inseparável, como se estivesse, tal como no último dia de trabalho do Verão de 2004, no fio do horizonte, desenhando alçados a uma velocidade estonteante, sob o sol abrasador do Alentejo profundo...

1. Viver no campo: a ocupação rural na Idade do Ferro do Sul peninsular

A vivência do espaço rural, entendido aqui como o resultado da presença e acção do Homem sobre o meio, constitui, ao menos desde os tempos neolíticos e até à consagração da época industrial, o elemento estruturante da sociedade humana de características iminentemente agrícolas e pecuárias. Todavia, a instalação humana em meio rural permanece, ainda hoje, como um dos modelos de ocupação menos conhecido na Península Ibérica durante o I milénio a.C. A tradição de investigação da Idade do Ferro peninsular centrou-se, desde cedo, nos grandes aglomerados populacionais, em detrimento de sítios de menor entidade visível, acabando por estruturar uma visão do campo exclusivamente na dependência e periferia daqueles.

O Sudoeste peninsular, e em particular o Baixo Alentejo, constituiu uma área pioneira no estudo destas realidades, na sequência da análise dos testemunhos epigráficos, continuando a representar ainda hoje, e apesar da escassez de estudos sistemáticos, uma das áreas onde o povoamento rural foi mais extensamente escavado. As intervenções levadas a efeito no âmbito do Plano de Minimização de Impactes do empreendimento de Alqueva, vieram alargar ainda mais o fosso já existente, ampliando o número de sítios intervencionados para mais de duas dezenas neste quadrante peninsular (Mataloto, 2004; Calado, Mataloto e Rocha, no prelo).

Nesta ampla região foi, contudo, o estudo da área estremenha que conferiu um largo destaque às realidades em espaço rural, principalmente de meados do I milénio a.C. Se a intervenção de Cancho Roano trouxe para a ribalta a existência de edifícios de índole aristocrática em meio rural, não deixou de introduzir algumas resistências à análise do campo, ao assegurar-se desde cedo o seu carácter único. Apenas na segunda metade da década de 90, com a identificação de diversas realidades arqueológicas similares a Cancho Roano, os chamados túmulos “post-orientalizantes”, se começou a entender o campo estremenho como um entramado complexo de instalações diferenciadas, organizadas em torno de estruturas de índole aristocrática ou de prestígio (Jiménez Ávila, 1997; Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 1998). Assim, desde então, tem sido cada vez mais assumida a relevância e complexidade do mundo rural face à ocupação concentrada, tanto no espaço estremenho (Rodríguez Díaz e Enríquez Navascués, 2001, p. 233; Rodríguez Díaz, 2004; Jiménez Ávila, 1997, p. 154), como também no Interior Sul de Portugal (Mataloto, 2004; Arruda, 2001, p. 288; Fabião, 1998, vol. I, p. 392; Correia, 1997, p. 75). A reavaliação dos pequenos núcleos rurais de Castro Verde e Ourique, em particular de Neves I, Corvo I e Fernão Vaz (Arruda, 2001, p. 281; Jiménez Ávila, 2001, p. 221; Fabião, 1998, vol. I, p. 274; Correia, 1996, p. 83), deixou patente o destaque que alguns destes poderão ter desempenhado em termos sociais, simbólicos ou mesmo económicos.

A investigação proto-histórica do Sul e Levante peninsular encontra-se ainda dominada pela vertente concentrada do povoamento, apresentando o processo urbano ganhou um relevo e uma evolução sem paralelo a nível peninsular, o que não obsta à presença de uma ocupação rural, por vezes de particular intensidade (Molinos Molinos, Ruiz Rodríguez, Serrano Peña, 1995, p. 239). Todavia, a dita área “ibérica” apresenta uma enorme diversidade de modelos de interacção do povoamento, onde os pequenos sítios rurais parecem vir a assumir um relevo cada vez maior. Aqui, os estudos territoriais têm vindo a delinear um espaço rural particularmente complexo e hierarquizado para a segunda metade do milénio, com uma diversidade de modelos de agregação humana em contexto rural, que vão desde as pequenas quintas, por vezes fortificadas, a aldeamentos com algum grau de complexidade arquitectónica e social (Bonet e Mata Parreño, 2001).

Na Andaluzia, e principalmente no que diz respeito ao espaço e tempo “tartéssico”, o cerne da abordagem à ocupação rural permanece focado na “questão colonial” e na relevância do impacto fenício na exploração do campo; por outro lado, o forte desenvolvimento urbano conhecido pelas sociedades sidéricas desta região condicionou e focalizou desde sempre o percurso da investigação. Todavia, começam a esboçar-se os primeiros estudos territoriais onde esta vertente de investigação ganha um verdadeiro destaque, deslocando o eixo do discurso do povoado central “proto-urbano” para o território e seu modo de exploração (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005).

Há mais de duas décadas que se começou a esboçar a relevância do meio rural na envolvente imediata do mundo colonial fenício do Sul peninsular, retomando teorias bastante anteriores (Alvar e Wagner, 1988). O percurso conturbado da investigação colonial, com fortes oscilações sobre a origem do processo, a par da escassa investigação direccionada para averiguação da colonização agrícola, acabou por determinar uma aceitação bastante lenta desta realidade, que começa a ganhar efectivamente outros contornos, continuando a ser defendida como um vector estratégico da própria instalação fenícia (Wagner, 2005). Assim, em todo o espaço andaluz a ocupação rural parece ser a regra, apresentando, no entanto, ritmos e características bastante diversas (Mataloto, 2004, p. 149), oscilando entre a complexidade de grandes conjuntos arquitectónicos multifuncionais instalados no interior, caso de Calañas de Marmolejo (Molinos, et al. 1994) e a simplicidade dos designados “fundos de cabana” da área colonial de Cádiz (Ruiz Mata e González Rodríguez, 1994).

Assim, o mundo rural assume-se, de modo indiscutível, como uma vertente essencial da ocupação do território em toda a área mediterrânea da Península.

2. A intervenção na Herdade da Sapatoa 3

Os trabalhos na Herdade da Sapatoa tiveram o seu início em 1999, com a intervenção de emergência no sítio 1 da Herdade da Sapatoa, que se encontrava em acentuado processo de desmantelamento pela oscilação do nível da barragem da Vigia.

No decurso dos trabalhos de escavação foi-nos possível identificar duas outras ocupações, e posteriormente uma terceira, nas suas imediações. Quando a intervenção se encontrava quase finalizada uma lavoura profunda afectou o sítio 3 desta Herdade, revolvendo grandes pedras, muito provavelmente resultantes da desagregação de estruturas. No âmbito do plano de trabalhos para o sítio 1 foi pedida, e concedida, uma intervenção de emergência para o sítio 3, dando início ao projecto de escavação de mais esta instalação na Herdade da Sapatoa.

Os trabalhos iniciaram-se em Setembro de 2002, em paralelo com a intervenção do sítio 1, ajustando-se a área a escavar à zona onde surgiam mais blocos levantados pela lavoura; apresen-

tava, então, uma área de 7 m x 4 m, com um total de 28 m², aos que se acrescia uma pequena vala de sondagem com cerca de 8 m². As incógnitas deixadas pelo facto de termos intervencionado uma área aparentemente exterior, plurifaseada, com estruturas bastante desmanteladas, conduziram ao continuar dos trabalhos.

Na campanha de 2003 os meios disponíveis assentiam o alargamento em área, expandindo-se mais de uma centena de metros quadrados, permitindo identificar um pequeno conjunto edificado, composto por vários espaços aparentemente cobertos. A intervenção em profundidade efectuou-se dentro dos Ambientes I, II e III.

No ano seguinte, a escassez de meios e os resultados dos trabalhos anteriores, impuseram uma ligeira alteração dos objectivos, visando-se agora um maior conhecimento de cada um dos espaços identificados e a pontual delimitação total das estruturas construídas.

Neste momento, os trabalhos encontram-se em curso, visando caracterizar suficientemente as mais antigas fases construtivas, particularmente para sudeste do conjunto da última fase.

2.1. A Herdade da Sapatoa: localização e trabalhos anteriores

A Herdade da Sapatoa localiza-se na área sul do concelho do Redondo, distrito de Évora, em ambas as margens da Ribeira de Vale de Vasco, pertencente à bacia da margem direita do Rio Degebe e, desde logo, à bacia do Guadiana.

A paisagem, de grande individualidade fisiográfica, é caracterizada por um relevo muito ondulado, por vezes declivoso, que se abre, a espaços, em amplas rechãs junto das principais linhas de água, como a Ribeira de Vale de Vasco e da Alcorovisca.



Fig. 2 Localização do sítio 3 da Herdade da Sapatoa na CMP 462-1:25 000.

O solo, pobre, surge-nos particularmente pedregoso e pesado, derivado da cascalheira terciária assente no substrato xistoso, que caracteriza geologicamente a área envolvente, abrindo-se junto das principais linhas de água pequenas várzeas de solos mais leves, facilmente agricultáveis.

Um montado denso, com abundantes espécies arbustivas (estevas, giesta, etc.), apenas pontualmente agricultado em regime de sequeiro, caracteriza o actual coberto vegetal da Herdade da Sapatoa, tendo o curso das citadas ribeiras sido acompanhado por uma galeria ripícola (choupas, freixos, faias, etc.), entretanto eliminada pela construção de uma barragem. Os resultados das análises antracológicas dos poucos vestígios recolhidos nos sítios 1 e 3 da Herdade da Sapatoa permitiram verificar a presença de azinheira e esteva (Queiroz, 2004), que poderá indiciar a presença de uma paisagem de bosque aberto, de clara origem antrópica. No mesmo sentido parecem apontar os estudos palinológicos, ao revelarem uma baixa densidade arbórea, acompanhada pela presença de espaços abertos de pastagens e campos de cereal, a par de escassos indícios de videira (Hernández, 2005).

A Herdade da Sapatoa localiza-se, assim, nas imediações, para Sul, de um caminho natural que, marginando a aba meridional da serra d'Ossa, interligaria em pouco mais que uma jornada, através do Alentejo Central, o curso descendente do Guadiana à desembocadura do Tejo e do Sado.

Na realidade, o longo corredor centro alentejano, onde as realidades sidéricas da Herdade da Sapatoa se inserem, interliga duas entidades histórico-geográficas de marcada individualidade ao longo do I milénio a.C., a Baixa Extremadura e o Baixo Tejo e Sado.

Assim, será da correlação destas existências que se irá formar e estruturar a realidade que nos foi possível detectar na Herdade da Sapatoa.

A escavação do sítio 1 permitiu identificar um conjunto arquitectónico, apenas parcialmente conservado, com cerca de uma centena de metros quadrados de área edificada, com vários compartimentos de planta quadrangular, aparentemente estruturados em torno de um pátio interior. Em termos construtivos, a arquitectura caracterizava-se pela utilização de uma técnica mista, com pedra de xisto e quartzo, para o embasamento, e recurso à terra para o desenvolvimento em altura da parede; os pisos são de terra e de argila vermelha, ruborescida, de clara tradição mediterrânea.

Os diversos espaços individualizados apresentavam características distintas, que permitiram uma aproximação à sua funcionalidade (Fig. 3).

Este local foi já objecto de um estudo de carácter monográfico (Mataloto, 2004), pelo que se apresenta aqui apenas de modo muito sintético.

Foram detectados dois espaços de cariz iminentemente residencial (Ambiente I e II), de planta rectangular, com uma área coberta na ordem dos 15 a 20 m², com lareira central, aos quais se encontravam associados, em anexo, dois outros espaços de reduzidas dimensões, 4 a 6 m², respectivamente (Fig. 3). Os conjuntos artefactuais recolhidos nestes compartimentos sugeriam uma utilização multifuncional, relacionada com uma armazenagem quotidiana e com o consumo de alimentos. Adjacente ao Ambiente I situava-se um outro espaço coberto (Ambiente III), que funcionava como uma área de distribuição da circulação e de preparação/confecção dos alimentos, atendendo às presenças cerâmicas de grandes formas abertas e outras de armazenagem quotidiana. Seria através deste espaço que se faria a circulação a partir do exterior, através de um pequeno vestíbulo, dando acesso quer ao espaço interior não coberto (Ambiente IX), quer a um outro espaço de cozinha/armazenagem (Ambiente V), para além do já comentado Ambiente I. No pátio detectou-se uma estrutura circular de embasamento pétreo, interpretada como silo ou forno.

Como se terá oportunidade de constatar, o conhecimento deste conjunto arquitectónico revelar-se-á essencial para compreender e interpretar o edifício detectado no sítio 3 da Herdade da Sapatoa.



Fig. 3 Planta geral do sítio 1 da Herdade da Sapatoa.

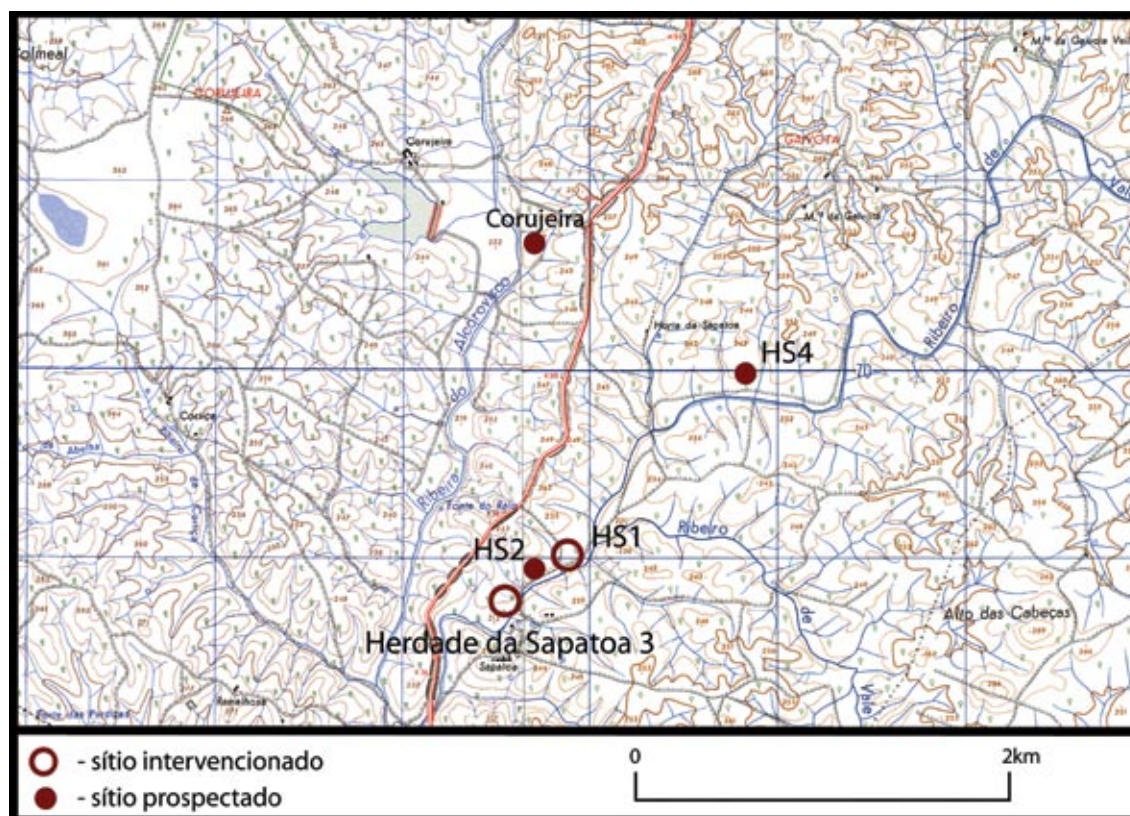


Fig. 4 Localização dos sítios da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa e envolvente.

Por outro lado, não será alheia à leitura destes sítios a presença de duas outras instalações rurais na sua envolvente imediata: o sítio 2, implanta-se entre os sítios 1 e 3, enquanto o 4 se localiza cerca de 1 km a montante do sítio 1. Cerca de 2 km mais a norte, num pequeno cerro sobre a ribeira da Alcorovisca detectou-se igualmente outra pequena instalação. Assim, mais que uma ocupação rural isolada, do tipo “monte” (Mataloto, 2004), começamos a encontrar uma pequena comunidade, eventualmente de base familiar, estruturada ao longo das margens da ribeira (Fig. 4).

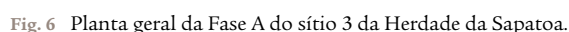
2.2. *Arquitectura do sítio 3 da Herdade da Sapatoa: caracterização e evolução*²

O conjunto edificado da Herdade da Sapatoa 3 apresenta, claramente, dois momentos construtivos distintos, resultantes de ligeiras alterações do espaço edificado. No entanto, a nível técnico, a construção segue soluções absolutamente semelhantes nas duas fases, concordantes, aliás, com o conhecido noutras instalações rurais sidéricas centro alentejanas. A construção fazia uso de uma técnica mista, com recurso a pedra e terra, sendo o embasamento das paredes em pedra recolhida nas imediações, de maiores dimensões na base, sobre o qual se desenvolvia um muro em terra, tal como nos indica a presença de estratos argilosos, com frequente cascalho, sobre os pisos. Os vestígios das coberturas são nulos, ainda que a detecção de algum barro cozido associado a entramados de materiais perecíveis carbonizados poderá estar a remeter para as soluções utilizadas na cobertura. Os pisos apresentam constituições variadas, como por exemplo a simples terra batida sem qualquer especificidade, passando pelos pisos de argila vermelha ruborescida ou pelos lajeados, utilizado neste caso num espaço exterior.

O conjunto arquitectónico identificado na Herdade da Sapatoa 3 resultou de ao menos dois momentos de construção/reconstrução, de que derivou um único edifício.



Fig. 5 Vista geral das estruturas da Fase B, no final da Campanha 3/2004.



A fase construtiva mais antiga, designada como A (Fig. 6), teria sido a mais extensa, ainda que permaneça a menos conhecida. O edifício compunha-se, na área já intervencionada, por quatro compartimentos bem delimitados, aos que se associavam outros menos bem caracterizados, além de áreas aparentemente exteriores. O Ambiente I, de planta quadrangular, correspondia a um pequeno alpendre, com cerca de 2,5 m², em cujo interior se construiu, em lajes de xisto dispostas na horizontal, uma estrutura de planta circular, de funcionalidade desconhecida, que ocupava todo espaço disponível. O Ambiente VI, de planta igualmente rectangular, apresentava uma área de cerca de 5,5 m², encontrando-se relacionado com o Ambiente III através de um vão posicionado no canto sudoeste, não tendo sido registado qualquer indício de correspondência funcional. O Ambiente III (Fig. 5) era o maior de todos, tendo sido igualmente o primeiro a ser edificado, adossando-se os restantes a ele. Apresentava uma planta rectangular alongada, com cerca de 16 m², com um vão virado a sudeste, com cerca de 1,5 m de largura; no interior, axializada com o vão de entrada, mas descentrada para o fundo do compartimento, detectou-se uma lareira estruturada com pedras de xisto, de planta quadrangular, com cerca de 1 m², que, de certo modo, organizaria a vivência do espaço. O Ambiente III deveria, então, desempenhar uma função eminente-

mente residencial, ainda que tivesse conhecido múltiplas utilizações associadas à vida quotidiana. Este compartimento, associado a um outro de menores dimensões, neste caso o Ambiente VI, e mais tarde Ambiente II, conhece paralelos exactos nos Ambientes I e II do sítio 1 da Herdade da Sapatoa, devendo corresponder à célula habitacional-base (Fig. 7), nestes conjuntos rurais, sem que tenha sido possível registá-la, com clareza, em outras ocupações rurais escavadas no Alentejo Central (Calado, Mataloto e Rocha, no prelo). Não sendo uma unidade arquitectónica ampla (c. 25 m²), deveria acolher apenas um núcleo familiar restrito, que dificilmente se poderia alargar para além dos laços mais directos (pais/filhos).

O Ambiente IV situa-se nas traseiras, a poente, do Ambiente III, constituindo um espaço rectangular, com cerca de 8 m², aparentemente aberto a sudoeste, ainda que as condições de preservação não permitam ser taxativos a este respeito. Nada no seu interior indicia a funcionalidade do espaço, ainda que seja sugestiva a reconstituição como alpendre avançada por Varela Gomes (Gomes, 1992), para um espaço de características semelhantes detectado em Neves II, Castro Verde (Maia, 1988).

Para além destes compartimentos foi possível detectar, para esta Fase A, outros espaços estruturados, que apenas o avançar dos trabalhos permitirá melhor caracterizar.

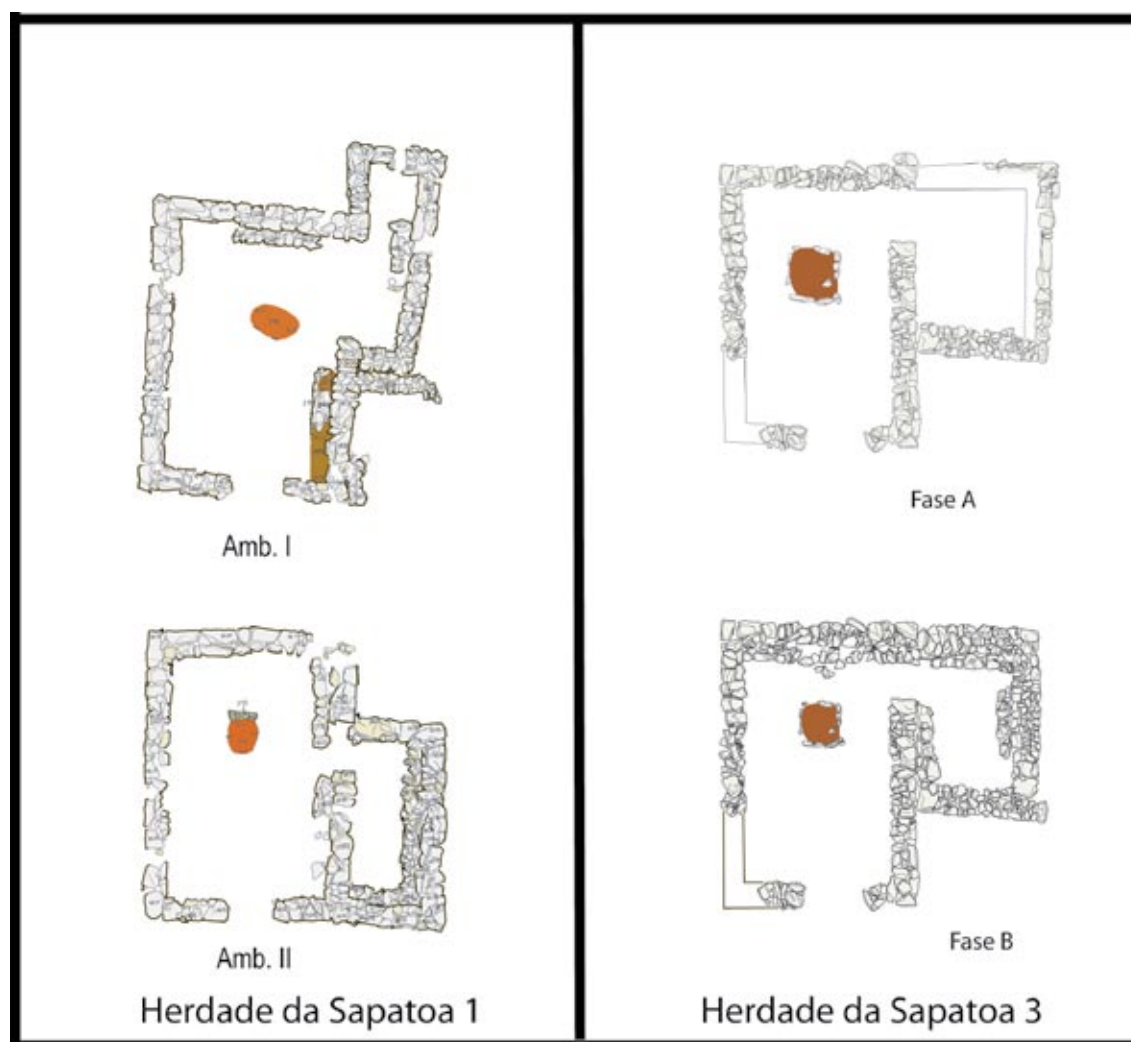


Fig. 7 Modelo arquitectónico da célula habitacional-base.

No canto nordeste dos compartimentos já apresentados edificou-se, logo nesta fase, uma grande estrutura circular, com cerca de 2 m de diâmetro, aparentemente maciça, com um piso em argila ruborescida, que se devia desenvolver em altura através de uma estrutura em barro cozido, de que se encontrou o derrube. A funcionalidade deste tipo de estruturas não se encontra ainda devidamente esclarecida, surgindo duas hipóteses, mutuamente excludentes, a de forno e a de silo (Mataloto, 2004, p. 55). Em território alentejano são conhecidas diversas estruturas similares em sítios rurais, tão próximos como o sítio 1 da Herdade da Sapatoa ou um pouco mais distantes como o Espinhaço de Cão, junto ao Guadiana (Calado, Mataloto e Rocha, no prelo). Igualmente nos últimos anos têm vindo a ser detectadas diversas estruturas similares no vizinho território da Extremadura espanhola, em sítios de índole urbana como El Palomar (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2001) ou aldeão como El Chaparral (Jiménez Ávila et al., 2005). Estas encontram-se, usualmente, inseridas em espaços abertos, ainda que no caso aqui em estudo deva ter-se edificado inicialmente no interior de um pequeno compartimento, Ambiente VII. Nas traseiras deste espaço, virado a Norte, parece ter existido um alpendre, Ambiente XI, ainda que o estado de afectação não permita esclarecer se se trataria, de facto, de um outro compartimento.

Fronteiro ao Ambiente III desenvolvia-se um terreiro parcialmente lajeado, com uma lareira de argila ruborescida.

Numa fase ainda indeterminada, mas posterior ao momento inicial, edificou-se, adossado ao canto sudoeste do Ambiente III, o Ambiente V que se trata de um pequeno espaço, de construção tosca, de planta rectangular, aparentemente interligado com aquele, com uma área coberta não superior a 2 m². No seu interior registou-se a presença de um pequeno poial, possivelmente relacionado com o desenvolvimento de alguma actividade doméstica, eventualmente a moagem, como houve oportunidade de constatar em “La Mata” (Rodríguez Díaz, 2004, p. 208). Este compartimento também não haveria de chegar ao fim da ocupação deste conjunto arquitectónico, sendo eliminado ainda com o sítio em uso.

O Ambiente VI viria a conhecer uma pequena alteração, eventualmente coincidente com a construção do Ambiente V, abrindo-se um vão virado a Norte, favorecendo a circulação com esta área. Também a parede sudoeste do Ambiente III conheceu uma pequena alteração, aparente no distinto aparelho empregue.

A este momento intermédio sucede-se uma remodelação mais alargada, aqui designada de Fase B, que afecta principalmente o espaço do Ambiente VI, dando origem ao Ambiente II (Fig. 8). Este apresenta características semelhantes ao Ambiente anterior, seguindo-lhe inclusivamente a planta; no seu interior erguem-se três poiais adossados às paredes, excepto a sudeste. O conjunto artefactual aqui recuperado, tratado em seguida, confirma a sua utilização como espaço de armazenagem. Nos restantes espaços as alterações são menos sensíveis. No Ambiente I fecha-se o lado sudeste, transformando o alpendre em compartimento fechado, amortizando-se simultaneamente a estrutura circular. No Ambiente III edifica-se um banco corrido na parede do fundo, sobrelevando-se o piso, que perde a sua cor muito vermelha e a textura de argila ruborescida. O Ambiente VII, que enquadrava a estrutura circular, é eliminado na totalidade ou em parte, continuando a dita estrutura em utilização. No terreiro exterior o lajeado é amortizado e as lareiras abandonadas, surgindo outras ali próximo. Igualmente no terreiro, e muito próximo do edifício erguem-se duas estruturas de pedra, maciças, de planta quadrangular, a [15] com 1,4 m x 0,85 m e a [18] com 1,7 m x 1,25 m, de funcionalidade desconhecida. Deveriam apresentar um desenvolvimento em altura fazendo uso de terra e materiais perecíveis, atendendo aos derrubes de blocos de barro cozido, com marcas e vestígios de pequenos

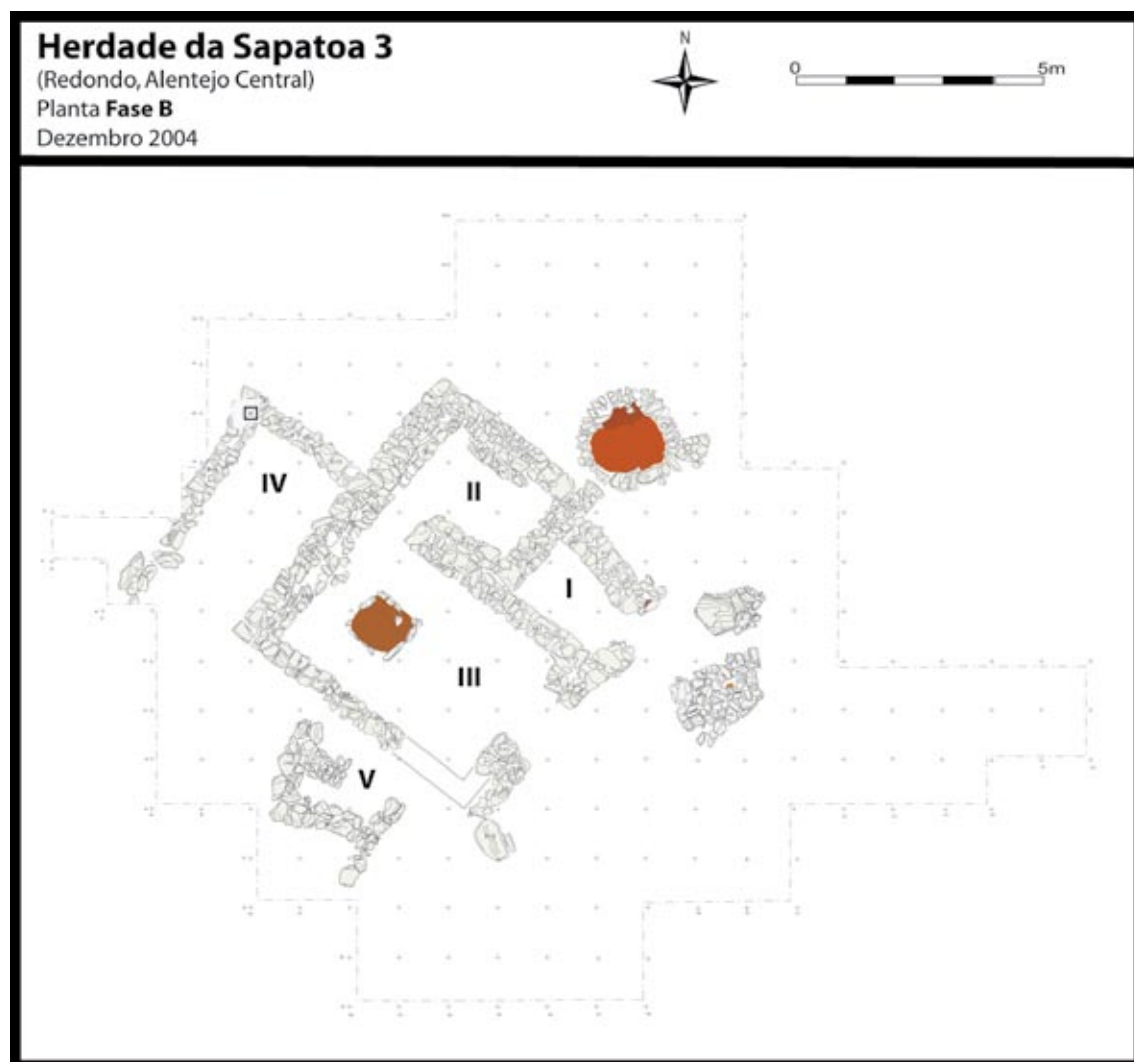


Fig. 8 Planta geral da Fase B do sítio 3 da Herdade da Sapatoa.

troncos de esteva, como evidenciou a análise antracológica (Queiroz, 2004), detectados na sua imediação. Estas poderiam ter sido sequenciais, sendo a estrutura [18], a de maiores dimensões, a mais antiga, sendo substituída em determinado momento desta última fase pela estrutura [15]. Os paralelos para estas estruturas exteriores não são abundantes, mesmo entre os sítios rurais centro-alentejanos; no sítio rural andaluz de Calañas de Marmolejo, em Jaén, registaram-se diversas destas estruturas, de dimensões algo menores, tendo sido genericamente relacionadas com a produção oleira, bem atestada por outros vestígios no local (Molinos et al., 1994, p. 22).

Esta última fase caracteriza-se, principalmente, por uma evidente redução da área edificada, mantendo, ou mesmo recuperando, a organização arquitectónica inicial. Na realidade, e atendendo ao conhecido na área escavada, a superfície coberta resumir-se-ia a cerca de 30 m².

Esta última fase, a mais bem caracterizada, apresenta uma menor complexidade construtiva que a fase anterior, sendo ambas, aparentemente, menores e menos complexas que o conjunto edificado detectado no sítio 1 da Herdade da Sapatoa.

2.3. Espaço e presenças cerâmicas na Herdade da Sapatoa 3

O conjunto cerâmico do sítio 3 da Herdade da Sapatoa pode, genericamente, subdividir-se em dois grandes grupos: o das cerâmicas abandonadas com o sítio, geralmente fracturadas em conexão, e as resultantes da utilização diacrónica e quotidiana do edifício, usualmente bastante fragmentadas.

O abandono do sítio 3 da Herdade da Sapatoa processou-se, tal como no sítio 1 (Mataloto, 2004), de um modo rápido, deixando grande parte das cerâmicas da última fase no contexto de uso; foram, então, registados recipientes fragmentados em conexão em três áreas distintas: terreiro exterior, Ambiente II e Ambiente III (Fig. 9).

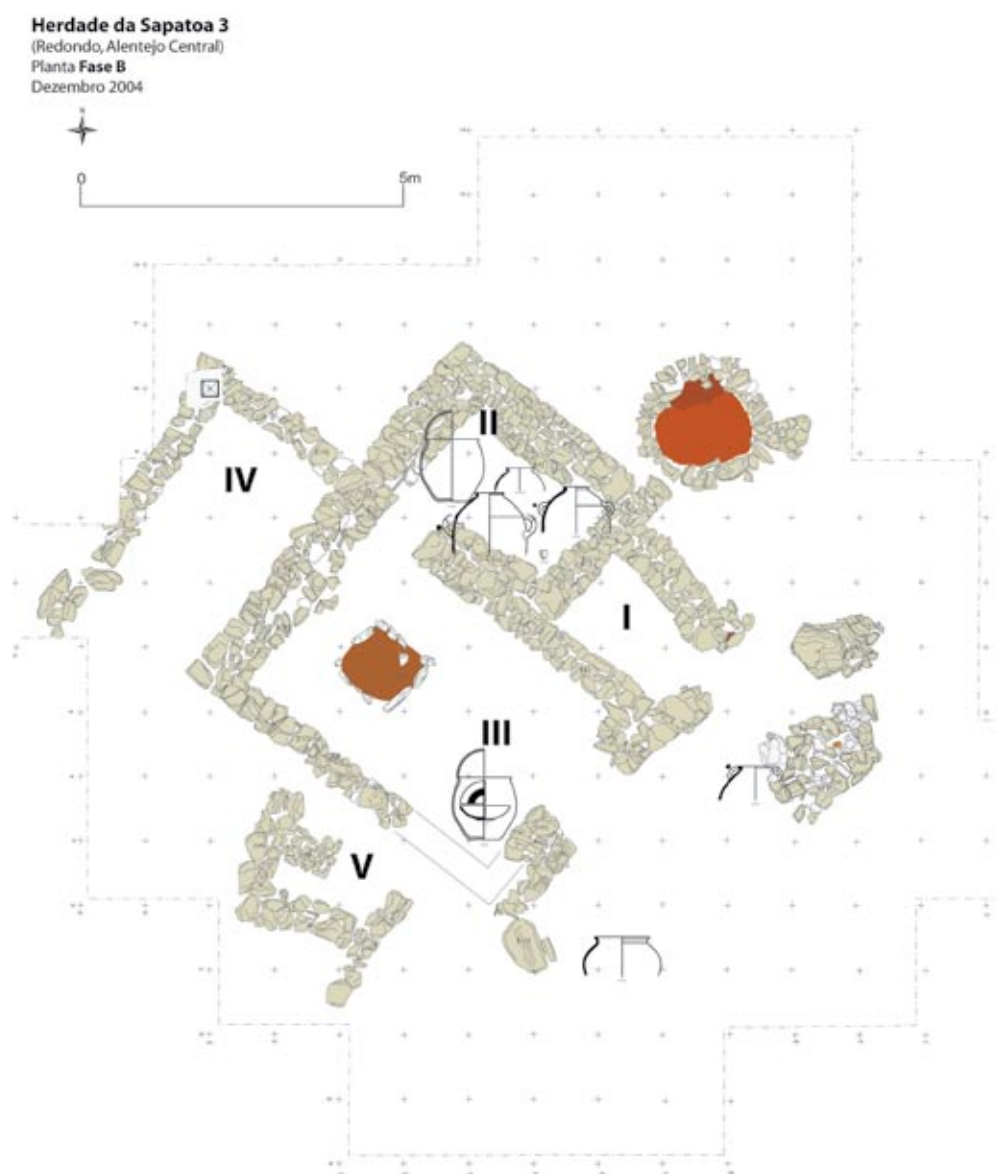


Fig. 9 Planta geral da Herdade da Sapatoa 3 e distribuição do conjunto cerâmico associado ao momento de abandono.

No espaço exterior recolheu-se um grande pote, elaborado a torno, fracturado sobre a estrutura [18], ou o que restava dela (Fig. 9). No interior do Ambiente II registou-se um interessante contexto de abandono, na medida em que permite não só uma aproximação à funcionalidade do espaço, como eventualmente à distribuição do recipientes (Fig. 10). Assim, foram aqui identificadas com clareza duas ânforas, um grande pote manual, de bordo denteado, e um pequeno copo manual (Fig. 11 – SAP[45]), morfologicamente semelhante ao anterior; sem que se possa ser peremptório, registou-se também mais um pote e uma tigela. O grande pote deveria situar-se sobre o poial Nascente, [70], enquanto as ânforas deveriam encontrar-se sobre os poiais norte [69] e sul [76]. Estas enquadram-se dentro do tipo CR-I (Guerrero Ayuso, 1991), por sua vez derivado das ânforas de saco do tipo R-1 (Ramon, 1995).

No Ambiente III, próximo do canto Sul, detectou-se, igualmente, um grande pote manual (Fig. 9), que continha uma tigela no seu interior (Fig. 11 – SAP[93]), servindo eventualmente para extrair o seu conteúdo, muito provavelmente sólido, atendendo à utilização deste recipiente para o efeito. Neste mesmo Ambiente, mas em fase anterior ao abandono, foi amortizado sob um dos pisos um pote manual, facto igualmente constatado no interior do Ambiente III do sítio 1 da Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004, p. 43).

Um pequeno balanço sobre este conjunto permite traçar um espectro geral muito próximo ao registado no sítio 1 da Herdade da Sapatoa, principalmente na relação espaço/função onde, uma vez mais, se verifica a presença de recipientes manuais de armazenagem e confecção de alimentos nos espaços habitacionais, como é o caso do Ambiente III do sítio 3, ou do I no sítio 1; por outro lado, ficou pela primeira vez clara a atribuição funcional dos pequenos espaços anexos aos compar-



Fig. 10 Vista geral do conjunto cerâmico [45], fracturado em conexão no interior do Ambiente VI.

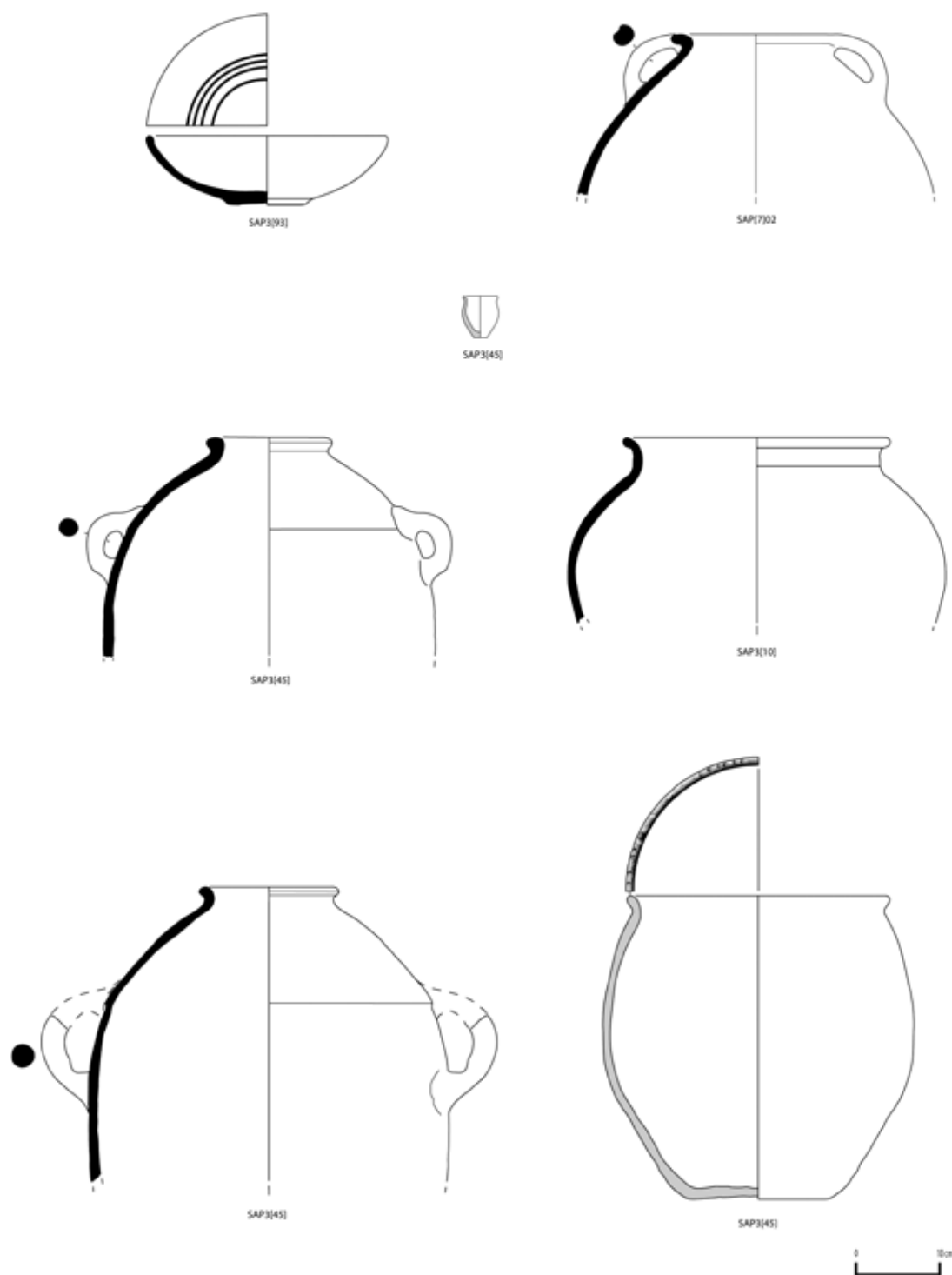


Fig. 11 Cerâmicas a torno e manuais das unidades [7], [10], [45] e [93] da Herdade da Sapatoa 3, que se encontravam fracturadas em conexão, na última fase de ocupação.

timentos residenciais, ao detectar-se uma concentração de recipientes de armazenagem no Ambiente II. Por outro lado, não deixa de estranhar a quase total ausência de recipientes de consumo individual, atestado, ainda que em número reduzido, no espólio de abandono do sítio 1.

Em termos cronológicos, é impossível de momento, com base nas evidências cerâmicas, tentar estabelecer qualquer diacronia de abandono entre o sítio 3 e o sítio 1 da Herdade da Sapatoa, não sendo descabido, atendendo ao contexto e tafonomia das realidades recuperadas, sugerir-se uma acção coordenada de abandono.

O segundo grupo cerâmico é ainda bastante difícil de caracterizar de modo satisfatório, na medida em que se encontra apenas parcialmente tratado; todavia, creio já possível assinalar que, tal como seria de esperar, se aproxima bastante do recolhido no sítio 1 da Herdade da Sapatoa. Por outro lado, é de igual forma razoavelmente semelhante ao recuperado na fase de abandono, evidenciando uma possível curta diacronia de ocupação. Na realidade, a ausência, até ao momento, de formas de cariz arcaizante, como mamilos alongados, carenas e fundos em ônfalo, pode remeter para um momento de ligeira posteridade a sua fundação relativamente ao sítio 1.

Perante o cenário traçado, cremos que a ocupação do sítio da Herdade da Sapatoa 3 se deve ter desenrolado entre os finais do século VI a.C. e a primeira metade do século seguinte.

A sustentação económica deste pequeno aglomerado deveria estar estreitamente relacionada com as disponibilidades da paisagem envolvente; assim, e atendendo aos indícios palinológicos e antracológicos, é de supor uma economia local agro-silvo-pastoril, com cultivo de cereais e pastoreio, podendo a presença de um pote meleiro indiciar a exploração ou recolha de mel, também suposta, a partir do mesmo indício, para o sítio 1.

3. Aproximação integrada ao processo humano na primeira metade do I milénio a.C. do Alentejo Central

A ocupação rural do espaço centro alentejano começou a ser reconhecida como um verdadeiro fenómeno de instalação humana apenas nos finais da década de 90 do século passado, sendo até então apenas conhecidos alguns sítios abertos (Calado e Rocha, 1997). No entanto, a implementação de diversos estudos sistemáticos, relacionados principalmente com grandes obras públicas, como a barragem de Alqueva, permitiu alterar substancialmente o panorama conhecido (Calado, Barradas e Mataloto, 1999), constatando uma intensa ocupação do espaço rural centro alentejano ao longo do primeiro milénio a.C., que conta actualmente com cerca de uma centena de sítios identificados (Mataloto, 2004).

É desde já possível afirmar que a primeira metade do I milénio a.C. conheceu o arranque e auge de uma intensa ocupação do espaço rural, entendido na sua vertente ecológica (Mataloto, 2004, p. 35). Não me parece adequado referir este processo de instalação humana em meio rural como colonização agrícola ou agrária, como foi proposto para outras áreas peninsulares, caso da Andaluzia (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005, p. 566). Este processo de ocupação do campo não terá sido desencadeado, na região alentejana, de modo dirigido e coordenado, como se esperaria dos processos de colonização; por outro lado, dá-se, neste momento, a intensa ocupação de áreas de solos esqueléticos e pouco produtivos, como as margens do Guadiana, devendo o sustento, e sucesso, das instalações relacionar-se maioritariamente com o desenvolvimento de actividades pecuárias e não agrícolas. Assim, creio ser mais adequado, porque menos comprometido, definir este processo como ocupação do espaço rural, ao menos neste momento e para o Alentejo Central.

É certo que o campo, durante o final da Idade do Bronze, não se encontrava desocupado, sendo conhecido um número elevado de pequenas ocupações deste momento no Alentejo (Calado e Rocha, 1996-1997); no entanto, só durante a Idade do Ferro se parece consolidar um modelo de povoamento claramente rural.

Este processo parece desenrolar-se, de modo sistemático, nos meados/finais do século VII a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, no prelo), coincidindo com o abandono dos grandes povoados fortificados do final da Idade do Bronze, num movimento desencadeado, provavelmente, ainda na centúria anterior. Na realidade, o reforço da componente humana dispersa no campo surge claramente por oposição a um abandono generalizado dos grandes povoados, sendo raras ou quase desconhecidas, grandes instalações humanas no Alentejo Central para o período entre os finais do século VII a.C. e os meados do milénio.

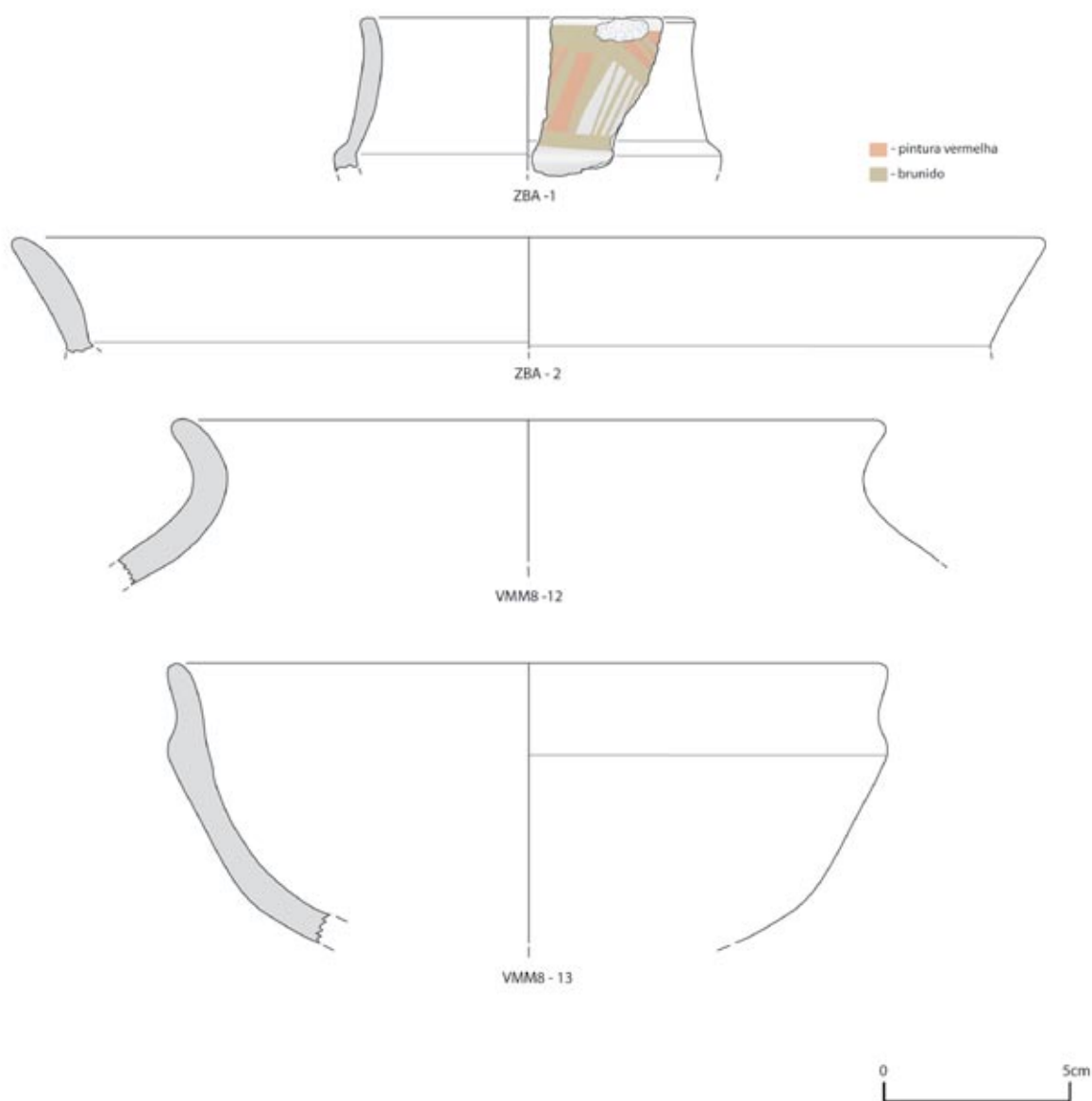


Fig. 12 Conjunto de cerâmicas provenientes de pequenas ocupações rurais do final da Idade do Bronze: Zambujal do Amigo (ZBA), Évora; Vale Maria do Meio 8 (VMM8) Évora.

As limitações do registo arqueológico poderão, com toda a legitimidade, gerar alguma discordância relativamente a esta hipótese (Arruda, 2005, p. 88); no entanto, se o processo de abandono das grandes fortificações é claro imediatamente após as primeiras presenças de origem colonial, creio aceitável entrever o arranque da ocupação rural algures durante o século VII a.C. Alguns novos, e velhos, dados como a presença de fíbulas de dupla mola (Fabião, 1998) e Acebuchal (Ponte, 1987) em Torre de Palma (Monforte), ou da fíbula de tipo Alcores da Horta das Pinas (Ponte, 1986) (Fig. 14), muito certamente associadas a ocupações rurais, parecem apontar, com clareza, neste sentido.

A intervenção recente num extenso povoado, lido como do final da Idade do Bronze, São Gens (Redondo), permitiu constatar, na área escavada, uma única ocupação aparentemente do século VII a.C., que se teria extinguido quanto muito nos inícios do século seguinte, revelando claros indícios de interação com as realidades introduzidas no litoral pelas presenças coloniais (Mataloto, 2004a). Os grandes povoados do Castelo e Evoramonte, igualmente na serra d'Ossa e a escassos quilómetros, também não parecem sobreviver a esta onda, ainda que tal seja mais claro no primeiro que no segundo.

No mesmo sentido parecem apontar os dados resultantes de escavações recentes, e antigas, em amplos povoados do final da Idade do Bronze um pouco por todo o Alentejo Central. Este movimento geral de abandono parece documentar-se, para além dos casos já citados, em sítios como a Coroa do Frade (Arnaud, 1979), Castelo de Arraiolos (Fabião, 1998, e materiais das intervenções de Gustavo Marques em depósito no MNA), ou no recentemente estudado Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal, 2005), desenrolando-se, creio, algures entre os finais do século VIII e os meados/finais do século VII a.C., estando já devidamente consumado nos inícios do século VI a.C. Apenas a presença de fíbulas de dupla mola (Coroa do Frade, Arraiolos), consensualmente aceite como reveladora da presença comercial fenícia no litoral (Ponte, 2002; Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000), parece marcar o desenrolar deste processo, que deverá ser rápido, na justa medida em que parece anteceder, na maioria dos casos, a chegada de um maior afluxo de novos produtos ao litoral, com a sucessiva disseminação no interior alentejano, caso do vinho, como foi possível documentar no Alto de São Gens (Mataloto, 2004a).

A instabilidade das grandes ocupações ao longo do I milénio a.C. acabará por se traduzir numa extrema dificuldade de estruturação territorial das realidades humanas, ao invés do que sucede na Andaluzia, onde a permanência dos grandes centros favoreceu, desde cedo, a organização de espaços territoriais nos quais a ocupação rural se implementaria de modo aparentemente concertado (Ferrer Albelda e Bandera Romero, 2005).

O século VI a.C. deve, então, ter sido marcado pela total reorganização do povoamento alentejano, emergindo do dismantelamento das redes de grandes povoados do final da Idade do Bronze uma densa malha de pequenas instalações rurais. Se o advento desta realidade é já possível rastrear dentro do século VII a.C., será com o século VI a.C. que surgirá como um padrão consolidado, efectivando-se ao longo deste século, creio, o *optimum* da ocupação rural, que conhecerá outras tendências nos séculos seguintes.

Resta ainda por apurar como se irá reflectir esta profunda transformação das malhas de povoamento na estruturação social e económica do território alentejano.

A presença de materiais metálicos em contextos aparentemente funerários do Norte alentejano, como as fíbulas Acebuchal de Torre de Palma e Alcores da Horta das Pinas (Ponte, 2006) (Fig. 14), logo nos finais do século VII e inícios do século VI a.C., parece traduzir um rápido escalonamento das realidades sociais e económicas do espaço rural alentejano. Creio então, e desde já, que a transformação das estruturas sociais e de poder não será unívoca, nem directa, emergindo

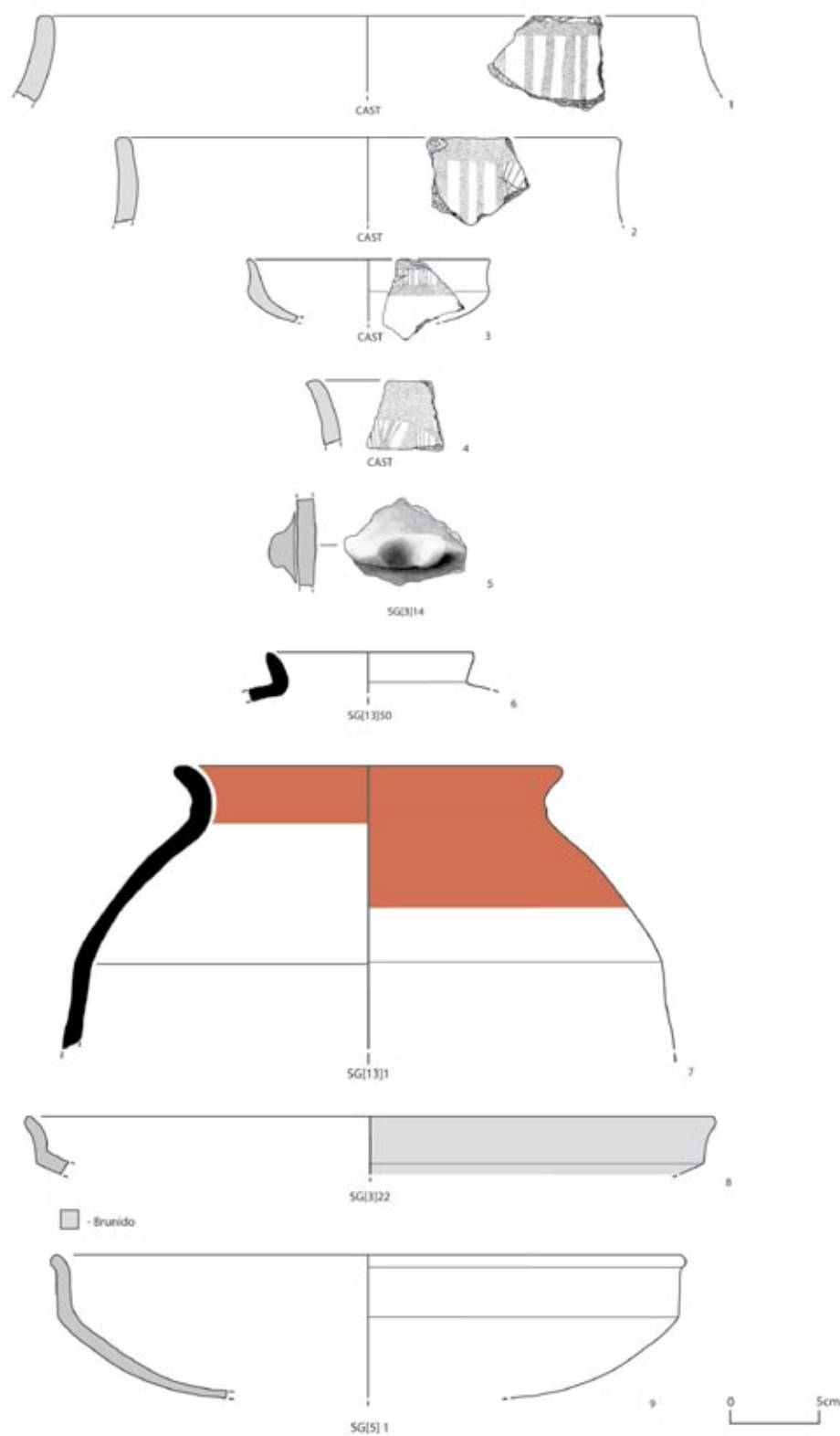


Fig. 13 Cerâmicas do povoado do Castelo da Serra d'Ossa (1-4) (seg. Calado e Mataloto, 2001) e do Alto de São Gens (5-9) (seg. Mataloto, 2004a).

num primeiro momento uma realidade menos hierarquizada, mais isonómica, mas eventualmente mais diversa, que durante o final da Idade do Bronze; no entanto, as novas estruturas sociais rapidamente evoluirão para novas formas de entrosamento e poder, que parecem nascer e consolidar-se nesta realidade rural, sendo a evolução interna do conjunto arquitectónico de Cancho Roano (Celestino, 2001) o melhor exemplo do aparecimento, consolidação e esplendor destas novas entidades de poder entre os finais do século VII a.C. e os finais do século V a.C., num processo de onde os grandes aglomerados parecem estar arredados.

Deste modo, creio que a ocupação rural centro alentejana acabará por se coordenar, em grande medida, entre si, gerando hierarquias e organizando-se em torno de territórios que se vão estruturando ao longo do tempo. Creio ser neste contexto que acabarão por surgir unidades sociais como as registadas na Herdade da Sapatoa, que poderíamos designar de tipo aldeamento disperso, interligada por laços familiares, um pouco à semelhança das “comunidades de vale” da medievalidade portuguesa (Mattoso, 1985).

A possibilidade de estudar uma área relativamente extensa nas margens do Guadiana permitiu melhor caracterizar uma verdadeira comunidade ribeirinha, que se estruturou ao longo do rio durante o I milénio a.C. (Calado, Mataloto e Rocha, no prelo). A identificação de mais de três dezenas de pequenas instalações, e a escavação parcial de uma dezena, permitiu observar a enorme diversidade de que se podem revestir estas instalações. Assim, parecem

distender-se na diacronia com um dinamismo e uma constância de que resulta um panorama particularmente rico, onde algumas ocupações se esgotam, enquanto outras se consolidam e expandem, chegando a conhecer importantes conjuntos edificados com várias centenas de metros quadrados de área coberta, como acontece no Espinhaço de Cão (Fig. 15). A par destes, ou na sua sequência, emergem grandes conjuntos edificados em contexto rural, com evidentes características de destaque, como a organização tripartida do espaço residencial (os edifícios em Tridente, de Javier Jiménez) (Fig. 15), caso do sítio da Malhada das Taliscas 4, à imagem do conhecido nos complexos de prestígio do Médio Guadiana, como Cancho Roano (Celestino, 1996) e La Mata (Rodríguez Díaz, 2004).

Não deixa de ser interessante verificar que os quatro sítios de maiores dimensões, Espinhaço de Cão, Casa das Moínholas 3, Malhada das Taliscas 4 e Gato se encontram espaçados sensivelmente de igual modo entre si (cerca de 3 a 5 km), gerando aros de influência eventualmente semelhantes, isto se, efectivamente, tivessem sido todos ao menos parcialmente contemporâneos, como pode ter acontecido. Uma vez mais encontramos aqui uma concentração elevada de pequenas instalações, com algumas claramente destacadas face às restantes, sendo relativamente simples vislumbrar alguma hierarquia interna do conjunto, quer em termos sociais, quer produtivos; assim, instalações como o Espinhaço de Cão, com várias centenas de metros quadrados de área edificada, com espaços residenciais e possivelmente culturais, poderiam coordenar e originar outros, como o Moínho Novo de Baixo, com reduzidas áreas edificadas. Uma vez mais, a organiza-

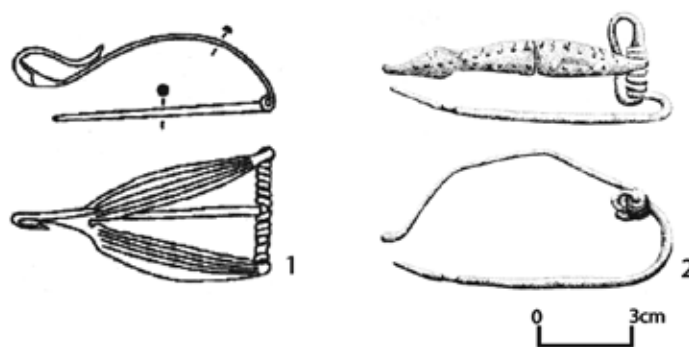


Fig. 14 Fíbula tipo Acebuchal de Torre de Palma (Monforte) e tipo Alcores de Horta das Pinhas (Elvas) (Ponte, 1987, 1986).

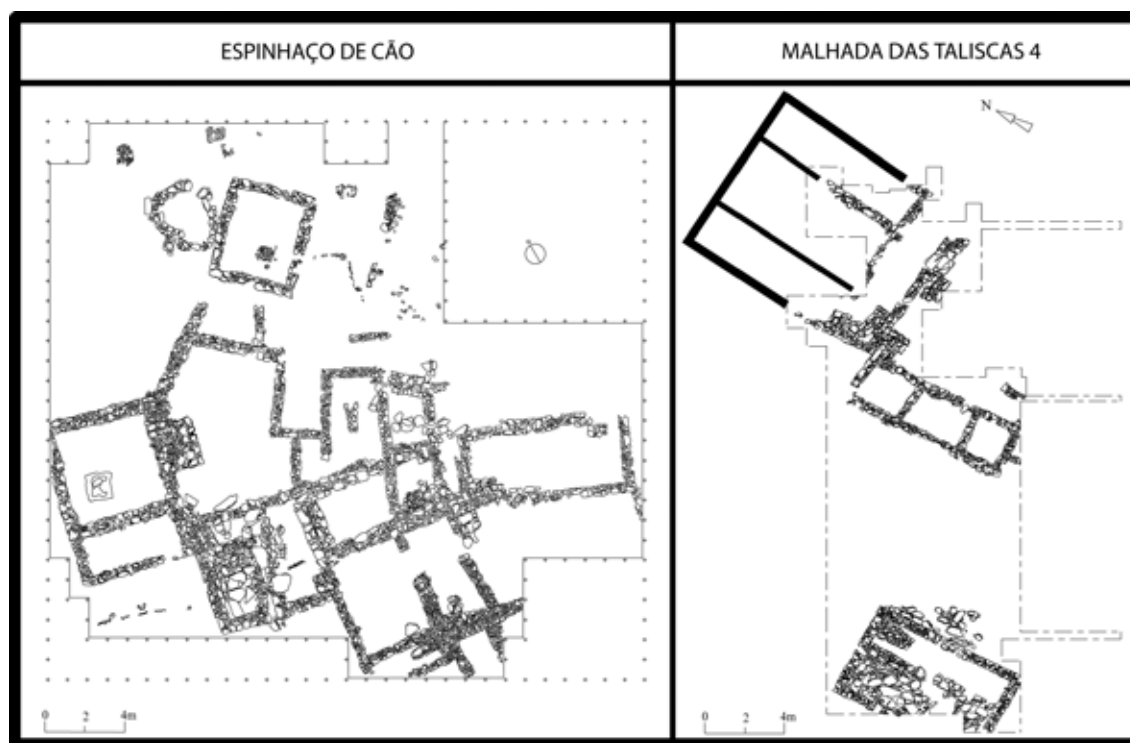


Fig. 15 Planta geral de estruturas do Espinhaço de Cão e Malhada das Taliscas 4 (seg. Calado, 2003 – modificado).

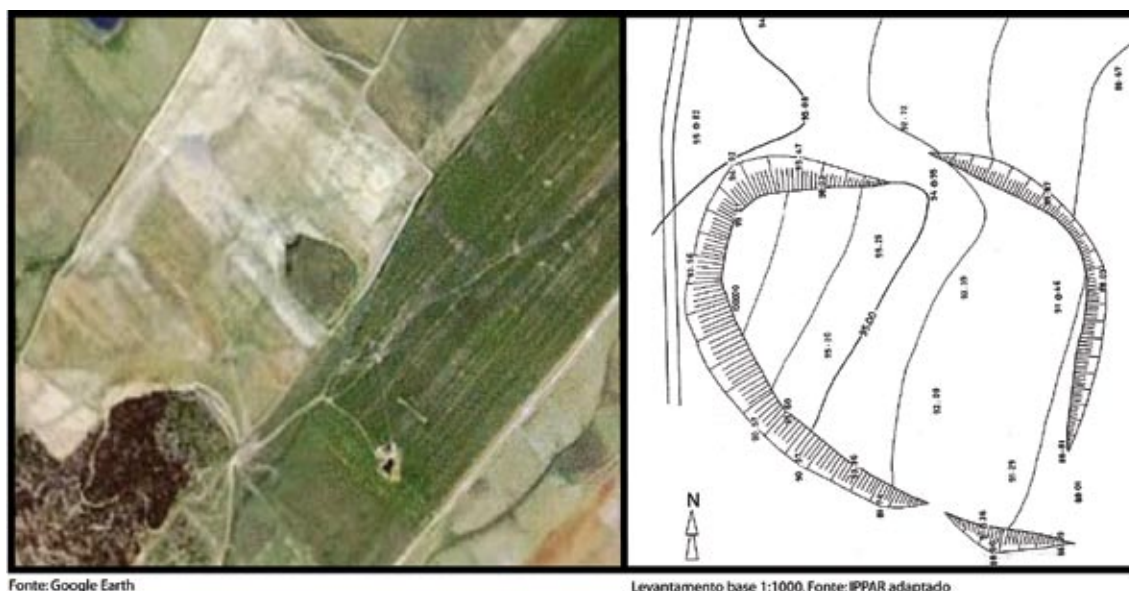
ção deste tipo de comunidades ribeirinhas, espaçadas ao longo do rio, poderia responder a soluções do tipo aldeamento disperso, não tendo que ser lidas como elementos isolados, mas sim interdependentes.

No entanto, quer a rede de povoamento detectada na margem do Guadiana, quer a reconhecida na Herdade da Sapatoa, instalam-se em áreas marginais face aos territórios de maior fertilidade agrícola, certamente mais atractivos para este tipo de instalações rurais; todavia, o ingente povoamento romano conhecido nestas áreas acaba por dificultar bastante a obtenção de uma imagem fidedigna do povoamento proto-histórico, que nos surge aqui bastante mais esperso. Estas seriam as zonas onde deveriam emergir centros de maiores dimensões, instalados em meio rural, capazes de gerar e coordenar uma satelitização do povoamento no seu entorno. São escassos os sítios a que poderíamos atribuir funções deste calibre; contudo, existem, apresentando mesmo uma enorme diversidade entre si.

Não conhecemos no Alentejo Central entidades arquitectónicas que se possam integrar no tipo mais característico do Médio Guadiana, os ditos “túmulos post-orientalizantes” (Jiménez Ávila, 1997). O sítio da Silveira, ou Horta da Ribeira (Calado e Bairinhas, 1995), apresenta algumas características que não deixam de remeter para este tipo de realidades; assim, instala-se numa área aplanada, junto de uma linha de água, sendo actualmente visível uma estrutura de planta quadrangular, com 16 m de lado, realizada em grandes blocos de granito, que não deixa de ter fortes semelhanças com a designada “terraza” de Cancho Roano A3 (Celestino e Jiménez Ávila, 1996; Celestino, 2001). O escasso conjunto material recolhido à superfície não difere grandemente do entregue pelas instalações rurais de meados do I milénio a.C. A presença de um conjunto de 3 painéis com várias centenas de covinhas, no sítio e suas imediações, introduz na leitura um elemento diferenciador, eventualmente justificativo da sua localização.

Um modelo algo distinto é apresentado pelo povoado fortificado do Castelão das Nogueiras, cujo abandono deve coincidir igualmente com os meados do milénio. Este implanta-se numa área aplanada, de solos particularmente férteis e abundantes aquíferos, estando muito certamente dotado de uma estrutura de fortificação perimetral, que delimita uma área de cerca de 1 ha (Fig. 16). A sua localização privilegia não só a adjacência de bons solos, mas também a proximidade a um importante caminho natural que margina a serra d'Ossa pelo lado Norte.

Já o sítio de Nossa Senhora de Machede parece representar um modelo algo distinto do anterior, ainda que se encontre, tal como este, aparentemente rodeado por um circuito de muralhas. Com uma planta rectangular, e uma área de cerca de 0,5 ha, implanta-se num esporão rochoso dotado de alguma defensibilidade natural e adjacente ao rio Degebe. O conjunto artefactual afasta-o dos característicos “castros de ribeiro”, com os quais partilha o modelo de instalação, aproximando-o das instalações rurais de meados do I milénio a.C.



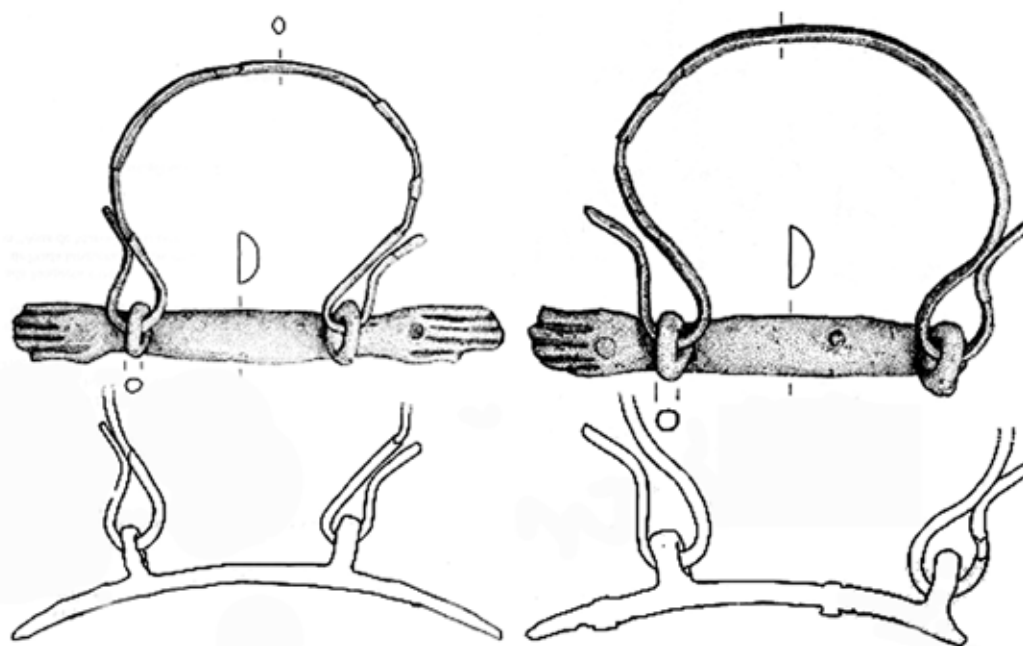


Fig. 17 Asas de mãos provenientes do Vale de Moura (Évora) (seg. Teichner, 2000).

relativamente isonómicas e interligadas por laços familiares, como poderia ser o caso da Herdade da Sapatoa, que no total poderia envolver várias dezenas de pessoas. Não creio ser particularmente problemática a aceitação de um certo grau de autarcia nestas comunidades rurais, que ocupam, como nunca antes, todo o agro alentejano.

As aglomerações de maiores dimensões que parecem acompanhar, ao menos parcialmente, a grande presença da ocupação rural são ainda pouco ou nada conhecidas. Destas, apenas podemos situar com clareza no século V a.C. a ocupação do Alto Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), onde se detectou a presença de cerâmica ática, nomeadamente taças “Cástulo” (Gibson, Correia e Burgess, 1998). Os níveis de base do Castelão de Rio de Moinhos (Borba) entregaram um número elevado de cerâmica pintada, entre as quais várias policromas (Calado e Rocha, 1997), que poderão apontar para um momento antigo do século IV a.C. ou mesmo do século V a.C. Na realidade, não creio que os possíveis aglomerados populacionais de maiores dimensões, a existirem, tenham jogado um papel relevante na estruturação do povoamento, ao menos antes de finais do século V a.C. No entanto, a recente identificação, na Extremadura, de importantes unidades de cariz urbano ou aldeão, instaladas em zonas planas, como Palomar (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2001) ou El Chaparral (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, 2005), impõe algumas reservas, atendendo ao facto de algumas das instalações rurais de maiores dimensões poderem, eventualmente, corresponder a este tipo de aglomerações.

Em meados do século V a.C. parece consolidar-se um processo de concentração populacional em povoados fortificados, como os já citados do Alto do Castelinho da Serra e Castelão, instalados em alcantilados rochosos, num verdadeiro encastelamento, que estará em grande medida concluído nos meados do século seguinte. Este processo, provavelmente resultante de uma acção de sinecismo, acabará por representar o abandono de grande parte das instalações em meio rural do espaço alentejano; todavia, o campo continuará a ser ocupado, inclusivamente por grupos socialmente destacados, como se pode deduzir dos importantes espólios guerreiros detectados na necró-

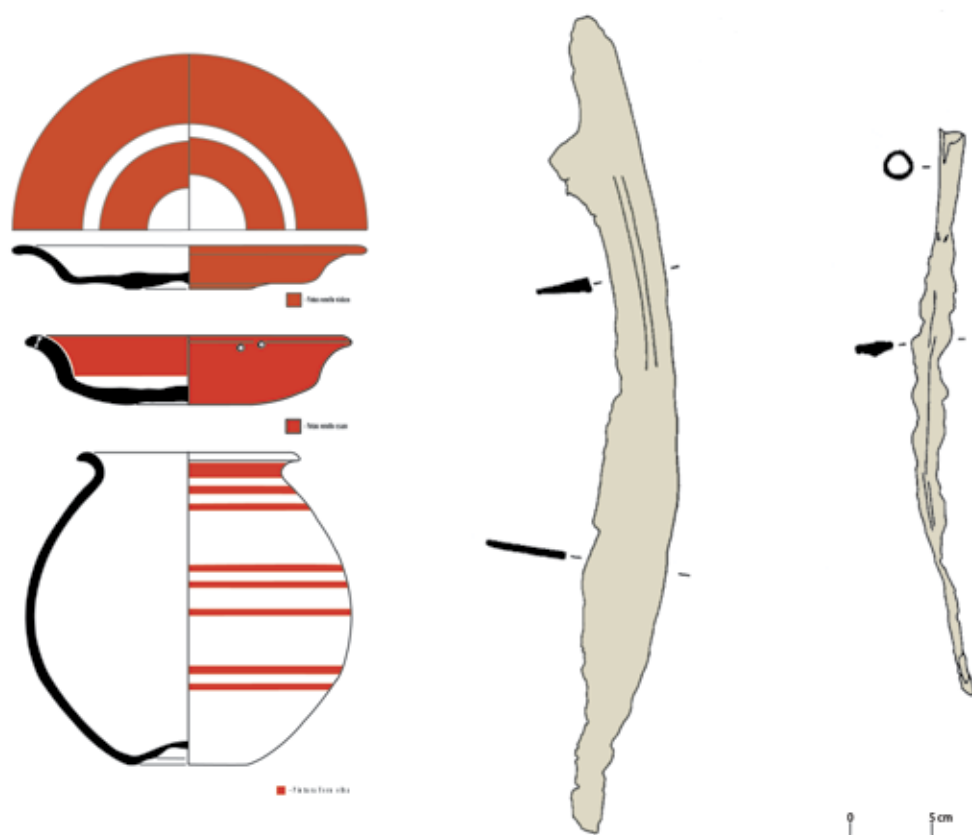


Fig. 18 Cerâmica pintada da Necrópole das Casas (Redondo) e falcata e lança da Necrópole da Cardeira (Alandroal) (seg. Fabião, 1998 – modificado).

pole da Herdade das Casas ou da Cardeira (Fabião, 1998, p. 389; Calado e Mataloto, 2001, p. 144; Mataloto, 2004, p. 178) (Fig. 18). Assim, o campo permanecerá como um elemento relevante na estruturação das comunidades da segunda metade do milénio, sendo possível que apresente inclusivamente algum ressurgimento após um momento generalizado de abandono em torno aos finais do século V e inícios do século IV a.C.

É provável, atendendo a alguns dados que têm vindo a emergir nos últimos anos, que nos finais do milénio, o povoamento rural conheça uma clara intensificação, já após a conquista romana, sendo, no entanto, completamente substituído mais tarde pela colonização romana, que ditará novas regras, reorganizando por completo a estruturação das redes regionais de povoamento.

No longo Inverno de 2005,
revisto na Primavera de 2007

NOTAS

¹ Texto originalmente redigido para publicação nas Actas do VI Congresso de Estudos Fenícios e Púnicos, realizado em Setembro de 2005 em Lisboa. Veio a integrar as respectivas Actas uma versão truncada do mesmo.

² Após o *terminus* do texto original novos e consideráveis avanços se fizeram no conhecimento deste sítio. Todavia, em pouco alteraram a análise da área escavada até 2004.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1996) - Os círculos culturais da I Idade do Ferro no Sul de Portugal. In VILLAR LIÉBANA, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 19-36.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. 14.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1996) - *Ideología y poder en Tartessos y en el mundo ibérico*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora: escavações de 1971-1972. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 20, p. 56-100.
- ARRUDA, A. M. (1996) - Particularidades, especificidades e regularidades na idade do ferro do Sul de Portugal: aproximação a um modelo explicativo. In VILLAR LIÉBANA, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 37-50.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M. (2001) - A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2004) - A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge Alarcão. In LOPES, M. C.; VILAÇA, R., eds. - *O passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra; Porto: Centro de Estudos Arqueológicos da Universidades de Coimbra e Porto, p. 75-98.
- ARRUDA, A. M. (2005a) - Orientalizante e Pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologias. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo occidental*. Mérida: IAM/CSIC, I, p. 277-303.
- ARRUDA, A. (2005b) - O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M.; GUERRA, A.; FABIÃO, C. (1995) - O que é a II Idade do Ferro no Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2, p. 237-257.
- ATTEMA, P. (2000) - Landscape archaeology and Livy: warfare, colonial expansion and town and country in Central Italy of the 7th to 4th c. BC. *BaBesh - Bulletin Antieke Beschaving*. Leuven. 75, p. 115-126.
- BLÁZQUEZ, J. M. (2005) - Evolución del concepto orientalizante en los 50 últimos años en la investigación hispana. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo occidental*. Mérida: IAM/CSIC. Vol. I, p. 129-148.
- BEIRÃO, C. M. (1986) - *Une civilisation protohistorique du Sud de Portugal - I^{er} Age du Fer*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1980) - *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal: epigrafia e cultura*. Lisboa: SEC/MNAE.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994) - El Oppidum de Badajoz: ocupaciones prehistóricas en la Alcazaba. In ALMAGRO GORBEA, M.; MARTÍN, A. M., eds. - *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid: Universidad Complutense, p. 147-187.
- BERTRAND, G. (1975) - Pour une histoire écologique de la France rurale. In DUBY, G., ed. - *Histoire de la France rurale*. Paris: Éditions du Seuil. I, p. 37-118.
- BONET ROSADO, H.; MATA PARREÑO, C. (2001) - Organización del territorio y poblamiento en el País Valenciano entre los siglos VII al II a.C. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P., eds. - *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia; Casa de Velázquez, p. 175-186.
- BUCHSENSCHUTZ, O. (2001) - Habitat et société celtique: la tentation urbaine. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P., eds. - *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia; Casa de Velázquez, p. 109-113.
- CALADO, M. (1991) - *O povoado da II Idade do Ferro do Castelão de Rio de Moinhos. Campanha 1. Relatório de escavação*. Policopiado (texto gentilmente cedido pelo autor).
- CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R. (1999) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães* - volume especial. Actas do Congresso de Proto-História Europeia. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. I, p. 363-386.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (no prelo) - Povoamento proto-histórico na margem direita do rego de Alqueva (Alentejo, Portugal). Actas do Curso de Verão Arqueologia de la Tierra (Castuera, Julho de 2005)
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996-1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. II Série. 2-3, p. 35-55.

- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.
- CELESTINO, S., ed. (1996) - *El palacio santuario de Cancho Roano V - VI - VII. Los sectores oeste, sur y este*. Badajoz: Junta de Extremadura/B. Gil de Santa Cruz.
- CELESTINO, S. (2001) - Los santuarios de Cancho Roano. Del indigenismo al orientalismo arquitectónico. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S., eds. - *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: CEPO; CSIC, p. 17-56.
- CELESTINO, S. (2005) - El Período Orientalizante en Extremadura y la colonización tartésica del interior. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo occidental*. Mérida: IAM/CSIC, I, p. 767-785.
- CELESTINO, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993) - *El palacio-santuario de Cancho Roano IV. El sector Norte*. Badajoz: B. Gil Santa Cruz.
- CORREIA, V. H. (1986) - Um bronze tartéssico inédito. O touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora. 1, p. 33-48.
- CORREIA, V. H. (1997) - Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37:3-4, p. 41-85.
- CORREIA, V.H. (1999) - Fernão Vaz (Ourique, Beja): balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 23-31.
- DEMOULE, J.-P. (1999) - La société contre les princes. In *Les princes de la Protohistoire et l'émergence de l'État*. Napoli-Roma: École Française de Rome, p. 125-134.
- DIES CUSÍ, E. (2001) - La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (VIII-VII). In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S., eds. - *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: CEPO; CSIC, p. 69-121.
- DUBY, G. (1987) - *Economía rural e vida no campo no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (2001) - *Extremadura tartésica: arqueología de un proceso periférico*. Barcelona: Bellaterra.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; VALDÉS, F.; PAVÓN, I.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; LÓPEZ DEL ÁLAMO, P. (1998) - La estratigrafía del "Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del "Valle Medio del Guadiana" en la Edad del Hierro. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - *Extremadura protohistórica: paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 157-199.
- FABIÃO, C. (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série. 11, p. 31-80.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 3 Vol., policopiado.
- FABIÃO, C. (2001) - Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-228.
- FERRER ALBELDA, E.; BANDERA ROMERO, M.ª L. (2005) - El orto de Tartessos: la colonización agraria durante el Período Orientalizante. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: IAM/CSIC, I, p. 565-574.
- GARCÍA HUERTA, R.; MORALES, F.; VÉLEZ, J.; SORIA, L.; RODRÍGUEZ, D. (2006) - Hornos de pan en la Oretania septentrional. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 63:1, p. 157-166.
- GIBSON, C.; CORREIA, V.; BURGESS, C. (1998) - Alto do Castelhinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal): a preliminary report on the excavations at the late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GOMES, M. V. (s/d [1992]) - Proto-História do Sul de Portugal. In SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-185 e 240-275.
- GOMES, M. V. (2001) - Divindades e santuários púnicos, ou de influência púnica, no Sul de Portugal. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 99-148.
- GOMES, S.; BRAZUNA, S.; MACEDO, M. (2002) - Ocupações romanas na margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 134-138.
- GRACIA ALONSO, F. (2003) - Las cerámicas áticas del palacio-santuario de Cancho Roano. In CELESTINO, S., ed. - *Cancho Roano VIII: los materiales arqueológicos*. Vol. I, Badajoz: Editora Regional de Extremadura, p. 21-194.
- GUERRERO AYUSO, V. M. (1991) - El palacio-santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivisti di Studi Fenici*. Roma. 19:1, p. 49-82.
- HERNÁNDEZ CARRETERO, A. (2005) - Estudo palinológico de la cuenca baja del Guadiana (Alentejo). Relatório inédito, estruturado no âmbito dos estudos das intervenções do Bloco 8 do PMI de Alqueva.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001) - Los complejos monumentales post-orientalizantes del Guadiana y su integración en el panorama del Hierro Antiguo del Suroeste Peninsular. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S., eds. - *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: CEPO; CSIC, p. 193-226.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1997) - Cancho Roano y los complejos monumentales post-orientalizantes del Guadiana. *Complutum*. Madrid. 8, p.141-159.

- JIMÉNEZ ÁVILA, J.; ORTEGA BLANCO, J. (2001) - El poblado orientalizador de El Palomar (Oliva de Mérida): noticia preliminar. In RUIZ MATA, D. CELESTINO PÉREZ, S., eds. - *Arquitectura oriental y orientalizador en la Península Ibérica*. Madrid: CEPO; CSIC, p. 226-248.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J.; ORTEGA BLANCO, J.; LÓPEZ-GUERRA, A. (2005) - El poblado de "El Chaparral" (Aljucén) y el asentamiento del Hierro Antiguo en la comarca de Mérida. *Mérida-Excavaciones Arqueológicas*. Mérida. 8, p. 457-485.
- LÓPEZ PARDO, F. (1990) - Sobre la función del edificio singular de Cancho Roano (Zalamea de la Serena, Badajoz). *Gerión*. Madrid. 8, p. 141-162.
- MAIA, M.ª P. (1988) - Neves II e a "facies" cultural de Neves-Corvo. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série. 3, p. 23-42.
- MAIA, M.ª P.; CORREA, J. (1985) - Inscripción en escritura tartesia (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. Sevilla. 16, 243-274.
- MAIA, M.ª P.; MAIA, M. (1996) - Arqueologia do couto mineiro de Neves-Corvo. In REGO, M., ed. - *Mineração no Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal, p. 82-93.
- MATALOTO, R. (2004a) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MATALOTO, R. (2004b) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d'Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 139-173.
- MATTOSO, J. (1985) - *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*. Lisboa: Estampa.
- MOLINOS MOLINOS, M.; RÍSQUEZ CUENCA, C.; SERRANO PEÑA, J. L.; MONTILLA PÉREZ, S. (1994) - *Un problema de fronteras en la periferia de Tartessos: Las Calañas de Marmolejo (Jaén)*. Jaén: Universidad.
- MURILLO REDONDO, J.; MORENA LÓPEZ, J. (1992) - El poblamiento rural en el arroyo de Guadatin: un modelo de ocupación del território durante el Bronce Final y el Período Orientalizador en el valle del Guadalquivir. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 3, p. 37-50.
- PARREIRA, R. (1995) - Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder*. Lisboa: IPM/Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- PELLICER, M. (2000) - El processo orientador en el Occidente Ibérico. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 16, p. 89-134.
- QUEIROZ, P.; LEEUWAARDEN, W. (2004) - *Estudo de arqueobotânica no povoado da Idade do Ferro da Herdade da Sapatoa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ROCHA, L. (2003) - O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 121-129.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - (2004) - *El edificio protohistórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; CHAUTÓN PÉREZ, H.; DUQUE ESPINO, D. (2006) - Paisajes rurales protohistóricos en el Guadiana Medio: los Caños (Zafra, Badajoz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 71-113.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, P. (1998) - La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de "Arquitectura de Prestigio" en la Cuenca Media del Guadiana. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - *Extremadura protohistórica: paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 201-246.
- RUIZ ZAPATERO, G.; LORRIO, A. (1986) - Casas redondas y rectangulares de la Edad del Hierro: aproximación a un análisis comparativo del espacio doméstico. *Arqueología Espacial*. Teruel. 9, p. 79-101.
- SANMARTÍ, J.; BELARTE, C. (2001) - Urbanización y desarrollo de las estructuras estatales en la costa de Cataluña (siglos VII-III a.C.). In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P., eds. - *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia; Casa de Velázquez, p. 161-174.
- SILVA, A. C.; BERROCAL-RANGEL, L. (2005) - O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 129-176.
- TEICHNER, F. (2000) - Dois fragmentos de "recipientes rituais" da fase orientador, provenientes do Alto Alentejo. *A Cidade de Évora*. Évora. II Série. 4, p. 83-98.
- TORRES ORTIZ, M. (2005) - Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 193-213.